

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua do Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA  
VISADO PELA

## D. LEONOR TELES

Era natural de Traz-os-Montes, filha de Martinho Afonso de Menezes e de D. Aldonsa de Vasconcelos.

Nasceu, em 1350, sendo parenta em 4.º grau do nosso rei D. Fernando I, com quem casou em segundas nupcias. Era netá materna de Joanes Mendes de Vasconcelos e de D. Aldonsa Afonso Alcolorado e foi donatária de Vila Viçosa e Vila Real, de Traz-os-Montes. Aos doze anos já falava correctamente o francês, o castelhano e o latim.

Tendo ficado orfã de pai aos 6 anos por este ter sido assassinado por ordem do rei de Castela, D. Pedro, o cruel, recolheu por este motivo a casa de seus irmãos João Afonso e Gonçalo Teles, onde se criou, casando aos 18 anos, a primeira vez, com João Lourenço da Cunha, senhor opulento do morgado de Pombeiro, residente na Beira, que se retirou para Castela, rescindido este casamento, do qual teve um filho por nome Alvaro da Cunha. Para ela consorciou-se em segundas nupcias com o nosso rei D. Fernando I, contando 25 anos de idade, serviu-se este de todos os meios, alguns aparentemente legais, para realizar-lhe o divórcio, isto é a separação do marido porque divórcio propriamente dito ainda não se demonstrou que fosse. Este segundo casamento efectuou-se, clandestinamente, na igreja do mosteiro de Leça, no Ballado de Malta, entre Douro e Minho.

Mas antes de prosseguir permitam-se-nos que expliquemos a morte do pai de D. Leonor Teles que se ausentara para a Espanha na comitiva da nossa Infanta D. Maria, quando, aos 14 anos, ela para ali fôra para casar com Afonso XI, rei espanhol. Foi como mordomo-mor da infanta e dentro em pouco — dizem as Crônicas — foi seu amante. Mas recendo a vingança do rei atraído conjugalmente, o qual, certamente, dentro em breve, lavaria esta afronta, fugiu para Portugal e acompanhou o pai da infanta, D. Afonso IV à batalha do Salado, onde um escudeiro espanhol, por determinação de D. Pedro, filho e sucessor daquele outro rei de Castela, o apunhalou.

Dizem as Crônicas que a então já rainha D. Maria, assiu que soube deste facto, caiu com uma síncope, e que, sendo levada para o paço, que costumava habitar, reanimou e amaldiçoando aquele também seu filho D. Pedro e pediu que a trouxessem para Portugal, para junto de elle, seu pai. Recolhida a Evora, onde se encontrava a corte, afirma Ayala — D. Afonso IV mandou dar-lhe em uma das refeições *yerrosas* com que murisise porquanto muito o desgostava a fama que ouvia dela.

Não foi porém somente aquele escritor espanhol que narrou tal facto, o Padre Juan de Mariana também diz — assim como D. Pedro, conde de Barcelos, no seu *Nobiliário* — que *ela morreu envenenada em Evora*.

Portanto é facto verdadeiro e averiguado.

Mas adiante.

Realizado o casamento, de D. Fernando I com D. Leonor Teles, aquele, vindo para o Pôrto, tornou-o público, tendo-se hospedado no Paço Episcopal, no tempo do prelado D. João III, onde obrigou toda a nobreza a prestar vassalagem à nova rainha, beijando-lhe a mão ao que terminantemente se recusou o infante D. Deniz, que se julgou mais do que ela, embora irmão bastardo do rei por ser filho de D. Inez de Castro e D. Pedro I, por causa do que fugiu para Castela, escapando à morte que o rei, na ocasião, lhe quis dar, com um golpe de adaga, exasperado com tal atitude, devido à intervenção de Aires Gomes da Silva.

Este casamento de D. Leonor com D. Fernando em 1371 foi origem de grandes perturbações, e graves consequências para a integridade territorial de Portugal e prejuizos em dinheiro, porquanto, D. Fernando havia faltado a uma das cláusulas do contrato de conciliação que, por intermédio do Papa Gregório XI, estabeleceram D. Henrique, rei de Castela que invadiu o nosso país, a qual consistia no seu casamento com a infanta espanhola. É certo que D. Fernando tencionava cumprir-la e que até mandara uma galé a Espanha, luxuosamente equipada, para transportar para Portugal a noiva, e na qual iam valiosos bróides e jóias, de que era portador Afonso Domingues Barateiro, negociante em Lisboa, bem como dezoito quintais de ouro, em moedas diversas. O rei D. Pedro não quis logo entregar a infanta, dizendo que esperava primeiro pela dispensa que impetrara para Roma ao Papa.

Entretanto soube que D. Fernando,

repudiando este casamento, casara com D. Leonor Teles. Por isso determinava apossar-se de todo o ouro, prata e de todas as preciosidades de que o dito Barateiro fôra o portador.

D. Leonor Teles não só durante a vida do rei, como depois de viúva, mostrou sempre um gênio áspero, e uma índole perversa e até sangüinária claramente manifestada, como se demonstra com os castigos infligidos contra os populares que em 1372 se revoltaram por causa do seu casamento, com o rei, com a instigação do assassínio de sua irmã D. Maria Teles, a D. João, marido desta, filho de D. Inez de Casto, e do rei D. Pedro, sob o falso pretexto de adultério; com a prisão e tentativa do assassínio de D. João, Mestre de Aviz, no castelo de Evora, para cujo fim forjou cartas, vindas de Espanha, e fabricou um alvará régio com assinatura falsa do marido, o qual não teve execução pela perspicácia e desconfiança que no governador Vasco Martins de Melo, despertou a insistência da rainha em certificar-se se o mandado régio havia sido cumprido, isto é, a sua decapitação.

A rainha, vendo fracassado seu malevolento intento, por o dito governador ter sido informado pelo próprio rei com quem no dia seguinte fôra falar, promoveu a liberdade do prês que no castelo era tratado com tanto rigor que arrastava pesadas adobas.

Não querendo narrar os amores escandalosos de adultério cometidos por ela no próprio paço e fora dele, como em Extremoz e em outras localidades, com João Fernandes Andeiro, conde de Ourém, companheiro inseparável da família real, amores de que nasceram alguns filhos, falecidos, apenas nascidos e outros nada-mortos e dos quais só sobreviveu D. Brites, seis vezes noiva: de *Fradique, duque de Benevento, bastardo de D. Henrique II; de D. Fernando, primogénito de D. João I, de Castela; do infante D. João, filho de D. Inez de Castro e do nosso rei D. Pedro I; de D. Fernando, segundo génito, de aquele mesmo rei D. João I, de Castela; de D. Duarte, filho do conde de Cambridge e por último com o dito D. João I, de Castela, já viúvo, ainda podíamos falar na sua insaciável ambição pelo trono português de que queria continuar a ser rainha efectiva e para cujo fim ainda chegou a ligar-se com o conde de Transtamara, D. Pedro — após ter sido destituída da regência por aclamação do Mestre de Aviz — para que elle assassinasse o genro dela. Porém descoberta tal conspiração por delação de um frade franciscano, o conde fugiu e ela foi desterrada e remetida presa para Castela, onde morreu indigente no convento de Tordezilas.*

D. Leonor Teles, encontrava-se, porém, já fora de Lisboa, isto é, em Santarém para onde se retirara fugida de Alenquer. Em Santarém ainda tentou prender o famoso D. Nuno Alvares Pereira, futuro condestável, o que não conseguiu pela velocidade com que elle veio para Lisboa, a fim de auxiliar o seu grande amigo D. João, Mestre de Aviz, na conquista do castelo da mesma cidade.

Eis em poucas palavras alguns dos grandes benefícios que Portugal deve a esta sua rainha que, por pouco, não sacrificou totalmente a nossa independência, que devemos a D. Nuno Alvares Pereira e ao Mestre de Aviz.

P.º Alberto Gonçalves.

## Dr. Alberto Cruz

Este illustre deputado da Assembleia Nacional, um dos representantes da região minhota, naquele alto organismo, erigido, há dias, a sua voz em defesa da região a que pertence, fazendo-o por forma tam brilhante e tam justa que de toda a parte tem recebido inúmeros testemunhos de gratidão e reconhecimento.

Bem fez o illustre bracarense em proclamar bem alto as instantes necessidades deste povo ordeiro e trabalhador, que tem sempre presente a grandeza e a glória de Portugal.

O «Notícias de Guimarães» ao enviar-lhe também os seus respeitosos cumprimentos de felicitação, faz votos para que sua ex.ª continue, com ardor, pugnando pela defesa dos interesses da região a que todos pertencemos.

## Ou pouco mais...

A Antonino Dias Pinto de Castro, tributo de admiração e estima.

Afirmam ser difícil o soneto...  
E a pênna, que correndo vai neste acto,  
E' o fruto que apresenta mais barato  
E deixa para trás já um QUARTETO...

As rimas saiem mesmo ao desbarato,  
Vocálicas até..., e eu vos prometo  
Ir começar os versos do TERCETO,  
Findo que seja o oitavo verso ingrato.

E resta já bem comprovado o dito, —  
Visto que a pênna vence e deixa escrito  
O TRÍPLICE e penúltimo reduto...

E agora ao FIM, com devoção, me voto...  
Mas ao findar olho o relógio e noto:  
— Que fiz este soneto num minuto...

COSTA GUIMARÃIS.

## Inverno

Chuvvas incessantes e alagadiças, fortes e temerosas ventanias, grandes trovoadas com seu cortejo luminoso, belo e petrificante, frios enregelantes, visitam a terra, fazendo a estremecer e impondo-lhe submissão.

Má receio nas almas e nas coisas e os pobres, os desherdados, ciciam orações, pensando, constangidos e resignados, na sua triste vida, no seu incerto dia de amanhã.

O inverno vai tam mau!  
Deus se apiede deles que arrastam tam grande cruz.

## A LAMA

Há dias, o nosso prezado colega «Correio do Minho» chamava a atenção da Câmara de Braga para o facto de na saída do largo de S. Lázaro para a rua da Ponte, daquela cidade, estar acumulada tanta quantidade de lama que causava sérios prejuizos e embaraços aos transeúntes.

Se o autor daquela noticia fôsse de Guimarães e aqui vivesse teria de protestar contra a acumulação de lama na Avenida dos Pombais e nas que estão junto das novas construções nas proximidades dos novos Paços do Concelho, no Jardim público, no malfadado terreiro de S. Francisco, etc., etc.

Lama, muita lama, é o que mais abunda por cá, em virtude do que, seguindo o exemplo do nosso colega, de Braga, ousamos chamar a atenção da ex.ª Câmara, certos de que serão tomadas providências dentro das devidas possibilidades.

Gostariamos de não ter que falar em casos destes, mas atraiçoaríamos a nossa missão se nos conservássemos calados perante o que interessa à comunidade. Por isso, cumpriremos os deveres que nos são impostos pela nossa missão, enquanto nos conservarmos neste posto.

Não trocaremos, pois, o amor à nossa querida Terra pela conquista de simpatias, de qualquer parte que elas possam vir.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

## Criticas Pequenas

Entre a farta variedade das nossas Revistas a *Brotéria* e a *Petrus Nonius* fulgem com brilho muito particular.

A primeira entrou agora no seu 28.º volume apresentando uma capa de fino gosto e um burilado *Pórtico Jubilar* denunciador dos Centenários Festivos.

A segunda inicia o segundo ano da sua vida trazendo a enfaixá-la dous testemunhos franceses e um inglês, qual dêles de mais insigne autoridade, a revelarem o alto aprêço que lá fora é dado ao órgão do *Grupo Português da História das Ciências*.

Este fascículo da *Petrus Nonius* mantém a mesma perfeição, a mesma profundidade, a mesma formosura de edição dos quatro do primeiro ano. Editada primeiro em Lisboa e depois no Pôrto, o aspecto gráfico corresponde sempre ao valor dos artigos insertos.

O nome do seu Director Arlindo Camilo Monteiro há-de consagrar-se com a publicação da *Petrus Nonius*, como altamente merecido consagração está o nome de Joaquim da Silva Tavares no carinho votado à sua *Brotéria* querida.

São dous nomes e duas Revistas bem comparáveis nas edições modelares.

Só Cláudio Basto com a sua *Portucule* poderia dizer aspirar à imitação das duas grandes Revistas.

G.

## Cantina Escolar Vimaranesa

Depois de ter deixado de funcionar durante o ano lectivo findo e ainda durante todo o primeiro trimestre do ano lectivo corrente, a Cantina Escolar Vimaranesa, que funciona nas Escolas Centrais desta cidade, voltou a abrir de novo as suas portas a centenas de alunos pobres que ali têm, em toJos os dias lectivos, uma refeição.

Como há tempos aqui nos referimos a esse assunto, a pedido de alguns pais, cumpre-nos a obrigação de fazer a devida justiça a quem se interessou pelo novo funcionamento dessa Instituição de carida-

de e oxalá que tenha uma vida desafogada, pois trata-se de uma modalidade de beneficência que deve ser auxiliada tanto quanto possível.

As Cantinas Escolares são importantes factores de auxílio aos alunos mais pobres das Escolas, exactamente aqueles que mais precisam da protecção da beneficência, sem a qual muitos se vêem obrigados a abandonar a respectiva frequência.

Que felicidade para milhares de crianças pobres, se houvesse uma Cantina em cada Escola!

## Mataduras

Grandes temporais.

Que bom haver água, inda que de mais.

A falha provede, pois é triste mágoa morremos à sede.

Uma solução era engarrafá-la, e depois gastá-la durante o verão.

MARY COTTA.

## Ainda o nosso Aniversário

Várias pessoas amigas e alguns brilhantes colegas, têm continuado a manifestar-nos, por várias formas, o seu interesse pela passagem do 7.º aniversário do nosso jornal.

De entre essas formas conta-se uma cativante carta do nosso illustre colaborador e talentoso advogado, sr. Dr. José Pinto Rodrigues, e outra do também nosso estimado confrater, sr. António de Almeida Ferreira, às quais não damos publicidade por carência absoluta de espaço. Ambas, no entanto, encerram palavras e desejos que nos desvanecem e nos animam a continuar na ardorosa luta que há 7 anos vimos mantendo em prol dos sagrados interesses da Terra que nos viu nascer.

O nosso illustre amigo sr. Dr. Manuel Ferreira da Costa, residente em Coimbra, enviou-nos também as suas felicitações.

Também vários colegas que, como nós, servem o melhor que podem os interesses das suas terras, continuam a referir-se ao nosso Aniversário e a trazer-nos o incentivo da sua solidariedade amiga.

A todos, aqui expressamos a nossa muita estima.

Ainda a propósito do nosso número de Natal, o nosso distinto colega «Notícias de Familiarão», exprime-se da seguinte forma:

Noticias de Guimarães

«Este nosso colega vimaranense, a exemplo do que costuma fazer noutros anos, publicou na quadra do Natal um interessante e sugestivo número dedicado a essa parte festiva do ano e em que reuniu um vasto lote de colaboradores que, com as suas crônicas, conseguiram produzir um número especial valioso e assaz completo.

Os nossos muitos afazeres aliados à falta de espaço com que sempre batalhamos não permitiram que há mais tempo nos referissemos a este empreendimento do «Notícias de Guimarães»; porém, fazendo-o hoje, pedimos desculpa da referência ser tardia, e endereçamos ao nosso distinto colega as mais sinceras felicitações».

## A casca de laranja

Devido, talvez, aos efeitos do temporal que nos últimos dias se fez sentir em todo o país, chegou cá à cidade uma *invasão* de laranjas que até nos passeios das ruas se acumulam as cascas das mesmas.

E se dêsse facto não resultar qualquer outro inconveniente,

## Farpas

Problemas cidadãos

Zé da Aldeia que, como eu, também se interessa pelas coisas da cidade, tem recebido cartas de aplauso acerca do que, neste semanário tem escrito sobre alguns dos problemas cuja imediata solução mais interessa a cidade.

Há quem seja contra a abertura de novas ruas ou avenidas, antes que estejam concluídas outras já iniciadas e que há longo tempo se encontram em completo estado de abandono. Também assim o julgamos e, sobre o assunto, já aqui temos dado a nossa modestissima opinião.

Ao fazê-lo, não nos move outro desejo do que contribuir, quanto em nossas forças caiba, para sacudir a inércia em que a pobre terra de Guimarães tem estado.

Depois da solução inadiável do problema das águas e de se dar início às obras de saneamento, torna-se necessário, sem dúvida, pôr ponto final nas obras ainda incompletas, concluindo-as.

Mas deveremos ficar por aqui? Evidentemente que não. A nossa terra parece ter ficado fechada num ovo ou num Museu completamente indifferente aos progressos e melhoramentos bem próprios da época que se atravessa.

O pouco que se tem feito, tem sido, por má sina, mal feito. E das obras ultimamente realizadas creio que só uma tem merecido o aplauso geral: — a do Mercado, de que já se encontra concluída uma parte. Ora, para se dar início a novos trabalhos e para se poder resolver com critério o plano de saneamento, é preciso elaborar um plano geral de urbanização. A planta tem que ser feita por pessoa com competência para o fazer, para não cairmos, de novo, nessa série ininterrupta de disparates impudentemente cometidos e com manifesto prejuizo para a cidade.

Há em Guimarães quem se possa abalancar, com profundo conhecimento de causa, a esse trabalho tão necessário e de tão capital importância? Optimo. Mas se não há, e nós cremos que não há, (oxalá nos enganemos), tem de se recorrer a pessoa ou a pessoas idóneas e competentes.

Estamos, por assim dizer, em vésperas das comemorações centenárias. Tem que se procurar tirar, dessas comemorações, necessário proveito. Tudo que se faça nesse sentido, com boa ordem, com bom critério, com boa vontade, merecerá o nosso desvaliosissimo mas sincero aplauso.

São João das Caldas,  
18 de Janeiro de 1939.

X. X.

niente, pode, pelo menos, succeder que um ou outro transeunte seja vítima da traição imperdoável da casca de laranja, que faz cair muito boa gente.

E' preciso, pois, evitar o perigo da casca de laranja nos passeios das ruas.

Embora se diga que *escorregar não é cair*, aqui fica o nosso reparo, a-fim-de que, de facto, ninguém caia por esse motivo.

# Como se tiram conclusões?!

Relativamente a um assunto de que me tenho ocupado nos três últimos números do «Notícias de Guimarães» e a respeito do qual tinha prometido um período de silêncio, vejo-me obrigado a não cumprir a minha promessa em toda a sua plenitude. A força das circunstâncias — que em muitos casos manda mais do que a força da própria vontade — diz-me que não posso deixar de pôr os pontos nos ii quanto à conclusão que todos devem tirar daquilo que disse anteriormente nos citados números do «Notícias».

Vamos, pois, ao que interessa:

O sr. Camara Dão, autor da Gazetilha do referido Jornal — onde tantas verdades têm sido ditas e onde tantas necessidades locais têm sido apontadas — também condena a demolição de casas e não receia afirmá-lo publicamente. A volta desse assunto, faz considerações belamente adaptadas a determinadas atitudes, sendo certo que a carapuça é sômente para quem ela servir. No entanto, o que me deu mais na vista, foram os dois versos seguintes:

«Inda que haja quem decreta que isto não passa dum frete, .....

Para o sr. Camara Dão se exprimir nesses termos é porque — suponho eu — teve conhecimento de que alguém ou sou afirmar que a campanha contra a demolição de casas habitadas é um frete e não uma justa defesa dos legítimos interesses dos inquilinos que ficam sem habitação e sem possibilidades de a conseguirem, a não ser que sejam instalados em futuristas casas móveis de madeira, com rodinhas e outros mecanismos engraçados... Pois bem: Quem afirmar que se trata de um frete, peca por faltar à verdade e por caluniar ao mesmo tempo.

O autor destas linhas nunca fez, não faz nem fará fretes a

quem quer que seja. O facto de manifestar uma opinião de harmonia — tanto mais — com os gerais clamores da opinião pública, como sucede no caso presente, só às pessoas mal intencionadas poderá aparecer sob a forma de um frete. Portanto, torna-se necessário não baralhar nem tirar conclusões erradas, porque daí pode resultar a circunstância de o feitiço se voltar contra o feiteiro, isto é, pode, com verdade chegar-se à conclusão de outras pessoas se prontificarão a fazer o tal frete, mas não aquelas que se manifestam em desacôrdo, fazendo-o às claras do dia.

Não há, pois, má vontade contra a Câmara Municipal, a cujos membros já manifestei a minha consideração, como igualmente não há a intenção de desvalorizar a boa-vontade dos mesmos senhores acertarem. O que apreciei — juntamente com outros que nesse sentido também disseram da sua justiça — foi a falta de oportunidade da pretensão de se dar execução a um projecto que concorre para o agravamento da falta de habitações, quando do se verifica que não há necessidade disso, na presente ocasião, muito principalmente porque há melhoramentos a realizar de uma necessidade e oportunidade mais imperativas. Será questão de um projecto demasiadamente exigente, pelo menos para já? Por mim, estou convencido disso.

De resto, como diz o sr. Camara Dão, não é nada elegante andar no jôgo constante de se fazer capicua...

E jito isto, apenas pretendo afirmar, com toda a lealdade e com toda a franqueza, que não tenho em vista defender interesses particulares, mas sim defender a família, que, conforme disse o sr. Presidente do Conselho, é a «célula social irredutível».

Depois dêste aditamento, pergunto: Quem faz o frete?

Zé da Aldeia.

## Gazetilha Um músico Vimaranesense

Os estudantes de agora, é verdade, muito embora precisem mais de estudar, os antigos estudantes poderiam ser *tunantes*, mas também tinham pensar.

Afinal, quem foram eles? Fômos nós, todos aqueles que agora são homens feitos, rapazes como os de agora, os quais, pela vida fora, também não serão perfeitos.

No fim de estar bem ceado a sobremsa era o fado? Bons tempos êsses, saudosos! Mas talvez a brejeirice esquecesse a caturrice de alguns mestres mais ranhosos.

Nôs fâmos para a bôrga amarrava-se a teôrga, e agora, não é verdade? Mas quem será tam perfeito que nunca teve um defeito, nem mesmo na mocidade?

Quem é que bom se encontrou, Madalena apedrejou, depois de Cristo falar? Quem é que neste momento de culpas se sente isento e a voz pode levantar?

Êste barro é sempre igual, e por isso, é maior mal trajas menor's exibir, apparecer-nos na rua a mostrar a perna nua... Rezingão, vai-te vestir.

Dizia o Augusto Gil, com o seu modo subtil, em frases muito bem feitas uma sentença acertada: — «A água, quando parada, E' que provoca as maleitas».

Camara Dão.

## CASA EM COVAS

Arrenda-se a Vila Adélia, junto à estrada. Informa o snr. Casimiro Martins Fernandes, no Toural. (10)

particular da sua especialidade. Pouco depois, em sessão de 29 de Novembro de 1939 do Senado Municipal, foi nomeado para o partido de professor de música da vila (lugar que durou 208 anos) que o obrigava a três lições semanais «à mocidade limiense».

Breve foi o beneficio, porque, em 1841, por espirito de economia, o citado partido era extinto. Voltou ao ensino particular e montou uma capela, que fez sucesso em toda a Ribeira Lima, havendo feito sucessivas «Semanas Santas e Novenas», com composições da sua lavra.

Nomeado escrivão de direito da comarca, abandonou o ensino particular, em que se notabilizara, mas conservou a capela até à hora da morte, que ocorreu, no dia 13 de Fevereiro de 1879, na Rua da Alegria, no Bairro de Além da Ponte, na margem direita do Lima.

Sua esposa, D. Maria Angélica Pereira de Castro, ofereceu todas as partituras sacras, de seu defuncto marido, ao sobrinho, Casimiro Augusto Alves Pereira, que fazia parte, também, daquela capela e, sobre elas, escreveu, no livro donde respigo parte destas notas: «Não obra dum compositor inspirado, dum trabalhador incansável, a ponto do seu merecimento ser devidamente galardoado, com a mercê de Cavaleiro da Ordem de Cristo».

Por herança, a obra profana e sacra de Jerónimo Varela veio parar às mãos de quem subscreeve êstes fugidios apontamentos. Como, da sua família, ninguém seguira a carreira eclesiástica, entendeu — e parece-me que não foi desafortunada a resolução — que as músicas religiosas onde ficariam bem seria no Seminário Conciliar, desta cidade, e daí houve-lhe oferecido, para o efeito, ao inescquecível Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Matos, que lhas agradeceu muitissimo, conforme documento que conserva.

Guimarães ufana-se exteriorizou-o, não há muito, por haver sido berço nativo dum músico celebrado: Bernardo Valentim Moreira de Sá. Justo será não esquecer êste outro, até hoje só lembrado em Ponte de Lima: Jerónimo Xavier Varela. Seus pais foram António Xavier de Azevedo Varela e Joana Maria do Nascimento, vimaranense, como seu filho, havendo abandonado o torrão natal, por ocasião das lutas liberais, de há um século.

António José de Oliveira.

## NOVO ESTABELECIMENTO

Inaugurou-se ontem, na Rua de Paio Galvão, (edifício do Mercado Municipal) um novo e elegante estabelecimento da nôvel firma Abreu & C., constituída pelos nossos amigos srs. Francisco Fraga e João Abreu, para a exploração do comércio de Comissões e Representações, sendo agentes de acreditadas marcas de aparelhos de Rádio e artigos de electricidade, etc., etc.

Na visita que ali fizemos, a convite daquêles nossos amigos, colheimos as mais agradáveis impressões e fazemos os melhores votos pelas suas prosperidades.

## O Temporal

Fez-se sentir em Guimarães o último temporal, com a sua chuva torrencial que provocou inundações e a forte ventania a desmurotar muros, levando beiradas de telhados e pondo em alvoroço os moradores de algumas pobres casas existentes nos bairros da Cidade.

Na terça-feira, à noite, os sinos chamaram os socorros dos bombeiros, e êstes, nas suas viaturas, lá se dirigiram à rua da Ramada, à Travessa de Tráz-de-Gaia e a outros pontos da cidade, onde a água, entrando pelas casas dentro, ameaçava os moradores.

Felizmente que só se registaram alguns — pequenos — prejuizos, materiais.

## Colaboração

Da colaboração destinada ao presente número, vária nos fica de fora por nos ter chegado tarde e não dispormos do tempo preciso para a sua composição, fazendo-a seguir o estabelecido por lei.

Entre ela conta-se a *Crónica de Vizela*, do nosso prezado colaborador *Julio Damas*.

Compra-se vinha velha ou campo com 1.800 pés. Ofertas à R. do Paraíso, 226 — Pôrto. (14)

## Entêrrona na Aldeia

Na tarde lenta, um sino lento Martela um dobre: Findo a alguém o seu tormento... E pela aldeia, à chuva e ao vento, O entêrrona segue lento e pobre.

O Campainha vai na frente: Tlim... tlaõ... tlim... tlaõ... Painei das almas logo atrás; De cada lado um cirio ardente, A cruz ao alto, refulgente, Tlim... tlaõ... tlim... tlaõ...

O sacerdote, algum parente, Mais o caixão em que ela jaz.

O bom reitor, que a gnou na vida, Guia-a na morte: — «A' porta infri... acaba a lida... — «Est in pace... na jazida...» — Que o seu latim a reconforte...

E o campo verde e a verde vinha Que ela cavou, — A magra herança que a manteve, Que tantos anos desfrutou, — O campo chora, e chora a vinha: Flie... flac... fic... flou... Na chuva miúda da tardinha, Como ao morrer ela chorou.

Doce velhina centenária, Amou, sofreu: Levou-lhe os seus a sorte vária: Filho e marido; e, solitária, Na paz de Deus ainda viveu.

Repousa agora, descansada Do dia-a-dia, Nas sete tábuas do caixão: Abre-lhe a cova a mesma enxada (Quem o diria!) Com que cavou horta e ramada, Com que sachou o vinho e o pão... Mas não a empunha a sua mão!...

Coveiro amigo! Toma a chave (Que importa o inverno?! ) Do Campo-Santo, e lento e grave Faz-lhe a preceito a cama suave, P'ra que lhe agrade o sono eterno.

Vá, senhor cura, apresse o passo, Entre o portão, Que já dão mostras de cansaço (Sendo aliás leve o caixão) Os que a trouxeram a compasso, Tlim... tlaõ... tlim... tlaõ... Aldeia em fora, braço a braço, Quasi num ar de prociasso.

Desce-a na cova com cuidado, Coveiro amigo! E com terriço recalçado, Não vá ter frio de algum lado, Conchege-a bem no têrreo abriço... — «Já terminou o nosso rito, (Lisse o reitor) Na vala o corpo depositou, Mas a alma pura e sem rancor, Essa ascendeu ao infinito. Senhor! Senhor! Recebe-a em paz no céu bendito, No seio teu de imenso amor! — »

ANTÓNIO DE CARDIELLOS.

## Transcrição

«Voz do Sul», prezado colega, que se publica em Silves, transcreveu no seu último número, um artigo do nosso jornal intitulado *Imprensa da Província*, a que há tempos demos publicidade. Gratos pela deferência.

## CALENDÁRIOS

Das importantes firmas Jorge Mendes, de Coimbra, e Fábrica de Cortumes Rio Leça, da Maia, recebemos dois vistosos calendários para o ano corrente, o que agradecemos.

## Dos Livros. Dos Jornais.

Humanidade — N.º 93 — SUMÁRIO: «Capa» — Mulher ribatejana, de Rodrigues Moreira; «O Rádio Club de Moçambique vai ouvir-se em Portugal, por Julio Quintinha»; «Sete Colinas», por Rodrigo de Melo; «Emigrantes e colonos», — «Problema da Índia», (entrevista com o dr. António Reveredo); «A Cultura e a Indústria do algodão», por Mimoso Moreira; «Cabo Verde e o problema dos intercâmbios», por L. B.; «Uma página de história — O Rei Luís da Baviera — Lola Montês», reportagem retrospectiva de M. Palma Carlos; «Últimas palavras necessárias», de L. Forjaz Trigueiros; «O Toureiro e a Artista», por Mercedes Blasco; «Documentário», pelo dr. A. Aurélio

TEATRO MARTINS SARMENTO E M P R E S A JORDÃO & C. A

HOJE, A'S 15 E 21 HORAS

## QUERO SONHAR CONTIGO

Hilarante comédia musicada com GINGER ROGERS E FRED ASTAIRE

JORNAL FOX — DESPORTOS FEMININOS — DESENHOS ANIMADOS DE WALT DISNEY — DOC. PORTUGUÊS QUINTA-FEIRA, 26 — OS DOIS ZARAGATEIROS E VINGANÇA DE TARZAN

## CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

E' perigoso jogar à confiança...

VITÓRIA, 2 VIANENSE, 1

O dia de domingo passado apresentou-se de verdadeiro inverno e quasi impróprio para a prática do foot-ball. No entanto os Vianenses vieram a Guimarães jogar com o Vitória para o Campeonato da 2.ª Divisão. A classificação do grupo de Viana não era de molde a causar a *team* da casa grandes preocupações. No entanto as contas iam saindo erradas...

O Vitória, durante quasi uma hora de jôgo, fez o preciso para não se impôr ao adversário, de modo tal que lhe diminuísse, ao menos, a vontade. Ao intervalo, teve que suportar um empate de uma bola e só aos 10 minutos do segundo tempo conseguiu desempatar. Não havia dez minutos de jôgo, e uma grande penalidade, rigorosa, foi marcada contra o Vitória, que Lima, do Vianense, transformou. Vinte minutos depois, registadas entretanto duas defesas do guarda-rêdes vianense, o grupo da casa empatou, dum remate de Pantaleão, seguindo jôgo de Virgílio e Rodrigues.

A segunda parte foi, a bem dizer, jogada de igual para igual. A bola de desempate registou-se de um «shot» de Bravo, na corrida. E assim terminou o encontro sem que qualquer dos contendores fizesse subir os marcadores. A arbitragem confiada a Armando Costa, do Pôrto, absolutamente irregular e desastrosa.

Assistência diminuta e despreocupada.

Desloca-se hoje a Fafe a primeira categoria do nosso Club para, naquela vila, se defrontar com o Sporting, em jôgo a contar para o presente campeonato.

Jôgo esperado com grande interesse pelos desportistas das duas localidades, vai, por certo, chamar ao Campo de S. Jorge grande multidão.

Os Vimaraneses devem acompanhar o seu *team*, presutando-lhe durante o jôgo o incitamento necessário, de forma que êles possam ao cabo dos 90 minutos regulamentares, contar mais um triúfno sôbre o seu antagonista, triúfno êsse que seria preciso.

E de resto, isso vai, por certo, acontecer.

Confieamos!

## 3.º Jôgo

VITÓRIA - SPORTING DE FAFE

Qual foi o jogador mais correcto? .....

Nome .....

## BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

## CUPERTINO DE MIRANDA & C. A

SÊDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

Gonçalves; «Notas de Arte — Coloniização africana — No Norte de Africa — A viagem de Daladier e os direitos da França», (página ilustrada); «O Governador de Angola em S. Tomé — Crónica Internacional», por António Guerra; «Negros... e Pretos», por Mário Correia; «Colónias Estrangeiras — Vulgarização Agrícola Colonial», pelo eng.º Carvalho de Almeida; «Carta de Cabo Verde — Conhecimentos médicos», pelo dr. Celestino Gomes; «Funcionários do Ultramar — Informaçôes radiotelegráficas do Ultramar — Vida Metropolitana — Vida Ultramarina — Damas — Xadrez, Filatelia e Palavras Cruzadas — Teatro — Cinema, por Mota da Costa; «Desportos», «Crítica Literária», «Actualidades», (Documentário Fotográfico); «Noticiário», «Gravuras», etc., etc.

## Bom emprêgo de capital

Vende-se um prédio de 2 andares, numa das artérias da Cidade, dando o juro de 13 1/2% ao ano. Falar na Redacção dêste jornal, onde se dão esclarecimentos. (19)

## Bom emprêgo de Capital

VENDEM-SE dois prédios de boa construção e em muito boas condições, numa das melhores ruas da Cidade, dando o juro de 10% ao ano. Falar na rua Paio Galvão, n.º 126, onde se dão esclarecimentos. (17)

## Calçado para agasalho!

Basta só saber-se que é anúncio da SAPATARIA LUSO (17)

# da cidade

## FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

**D. Luíza Mendes de Oliveira**

Na sua residência ao largo do Trovador finou-se na madrugada de quinta-feira a sr.<sup>a</sup> D. Luíza Mendes de Oliveira, viúva do saudoso vimaranesense sr. António José de Oliveira e extrema mãe dos nossos prezados amigos e conceituados industriais, srs. José, Belmiro e Manuel Mendes de Oliveira e das esposas dos também nossos prezados amigos srs. dr. Alberto Rodrigues Milhão, José Salgado e José Gonçalves.

O seu funeral que constituiu uma grande manifestação de pesar, efectuou-se na sexta-feira, às 11 horas, no templo da V. O. T. de S. Francisco, perante numerosa e selecta assistência, entre a qual se viam pessoas de todas as camadas sociais, instituições religiosas e de beneficência, operários das fábricas dos filhos da extinta, etc., etc.

Após os officios fúnebres organizou-se um extenso cortejo que acompanhou o cadáver ao cemitério da Atouguia, onde ficou inhumado em jazigo de família.

A chave do caixão foi entregue ao amigo íntimo da família dorida sr. cônego Alberto da Silva Vasconcelos.

A toda a família enlutada apresentamos as nossas condolências.

**António Zeferino Pereira da Costa**

Em quarto particular do Hospital da Universidade de Coimbra, onde há semanas havia sido submetido a uma melindrosa operação, faleceu na quinta-feira, o nosso prezado amigo sr. António Zeferino Pereira da Costa, funcionário da Secção de Finanças deste concelho, irmão do também nosso prezado amigo sr. José Joaquim Pereira da Costa, funcionário da mesma Repartição, e tio do sr. António Montenegro Pereira da Costa.

A sua morte causou consternação, pois o extinto que era possuidor de boas qualidades, respeitador e educado, contava no nosso meio muitos amigos.

A toda a família enlutada e especialmente ao nosso amigo sr. José Joaquim Pereira da Costa, apresentamos as nossas condolências.

**Joaquim Francisco Guimarães**

Contando 51 anos de idade finou-se, na sua residência à rua Dr. Aveleiro Germano, o sr. Joaquim Francisco Guimarães, irmão dos srs.: Francisco José da Silva Guimarães, João António da Silva Guimarães e cunhado dos srs.: José Francisco Ribeiro, Manuel da Silva Sampaio e Francisco Machado.

O seu funeral que foi muito concorrido, realizou-se ante-onhem, às 16 horas, na igreja da Misericórdia, após o que o cadáver foi trasladado para o cemitério da Atouguia.

A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

**Olimpio de Freitas Guimarães**

Em Matosinhos finou-se, também, o sr. Olimpio de Freitas Guimarães, chefe da Estação do Caminho de Ferro do Muro, filho do chefe aposentado da Estação do Caminho de Ferro desta cidade e nosso prezado amigo sr. José Maria de Freitas Guimarães.

Novo ainda, pois contava trinta e poucos anos, activo e inteligente, a sua morte foi muito sentida.

A família enlutada e especialmente a seu pai e irmãos, apresentamos as nossas condolências.

**D. Izaura da Assunção da Silva**

Contando 26 anos, finou-se no Pôrto a sr.<sup>a</sup> D. Izaura da Assunção da Silva, filha do sr. António Ribeiro da Silva, residente nesta cidade.

No Pôrto finou-se, contando 19 anos de idade, a sr.<sup>a</sup> D. Tereza da Assunção Ribeiro da Silva, filha do sr. Manuel Ribeiro da Silva.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

Faleceram: — José António da Silva Maia, de 60 anos, proprietário, da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa; João de Faria, de 20 anos, filho do industrial sr. Lourenço de Faria, da freguesia de S. Jorge de Selho, também deste concelho.

devido a uma derrapagem, ocasionada, pelo violento temporal que tem estado, voltou-se, despenhando-se por uma ribanceira de 2 metros, dando em resultado ficarem mortos os dois ajudantes do motorista: — José Ramos, de 65 anos, viúvo; e José Violante, solteiro, de 22 anos, ambos de Vila do Conde.

O proprietário da camionete que ficou gravemente ferido, não inspirando, felizmente, o seu estado sérios cuidados, apresentou-se voluntariamente ao regedor da freguesia de Castelões, sr. Artur de Oliveira, que imediatamente, transmitiu à polícia a triste ocorrência.

No local do sinistro compareceu o sr. dr. António Alves de Oliveira, Delegado de Saúde na Póvoa de Lanhoso.

O caso causou profunda consternação na freguesia de Castelões.

## Licenças de uso e portes de armas para defesa

Os cidadãos, que solicitarem a reforma das suas licenças de uso e porte de arma para defesa, podem, desde já, levantarem a respectiva licença na Secção Policial da Câmara, aonde se encontram.

## Estrangeiros

Mais uma vez repetimos que todos os estrangeiros, residentes na área deste concelho, devem apresentar-se na Secção Policial da Câmara, até ao fim do corrente mês, a fim de legalizarem a sua situação de residência.

Eclarece-se que todos os documentos de residência, que os ditos estrangeiros possuam, caducaram em 31 de Dezembro do ano findo, encontrando-se, por isso, indocumentados.

## Movimento Associativo

No próximo dia 25 reúne a Assembleia Geral ordinária da Associação Comercial dos Retalhistas de Vinhos e Viveiros de Guimarães, para aprovação de contas e nomeação da comissão revisora de contas para o 1.º trimestre.

## Esclarecendo

A preposição duma agressão que se deu há dias no lugar da Conceição, freguesia de Fermentões, deste concelho, caso a que nos referimos, procurou nos o sr. João da Costa Pacheco, casado, alfaiate, da rua da Arcela, desta cidade, que nos disse ter sido o autor da agressão mas não à facada, mas sim à pedrada, tomando tal atitude, detendendo-se de outros indivíduos que também à pedrada o agrediram.

## Espectáculo

Não é no dia 29 do corrente, como noticiamos, mas sim no dia 30, que se realiza no Teatro Martins Sarmiento o espectáculo levado a efeito pela Juventude Escolar Católica (Secção do Liceu Martins Sarmiento), e que está a despertar muito entusiasmo.

## Sociedade Columbófila de Guimarães

De digna direcção desta colectividade recebemos o seguinte e penhorante officio:

Guimarães, 16 de Janeiro de 1939. ... Sr. Director do «Notícias de Guimarães».

GUIMARÃIS

A direcção da Sociedade Columbófila de Guimarães, ao iniciar os seus trabalhos para a presente época, vem apresentar a V. ... as suas melhores saudações, muito reconhecida pelas gentilezas com que V. ... nos tem distinguido, esperando poder continuar a dever-lhe o obsequio das suas atenções que tão benéficas têm resultado para o progresso e desenvolvimento da nossa colectividade e da columbófilia em Guimarães.

A bem da columbófilia.

Pela direcção,  
**Eduardo dos Santos,**  
Secretário.

Agradecemos as saudações recebidas e procuraremos ser prestáveis à colectividade que no-las envia.

\* \* \*

Para iniciação dos trabalhos para a próxima campanha reúne a assembleia Geral desta Sociedade no próximo dia 23, pelas 9 horas da noite, a fim de ser apreciado e discutido o plano geral de treinos e concursos para o ano corrente.

## Vida Católica

S. Sebastião — No templo de S. Dâmaso realiza-se hoje a festividade anual em honra de S. Sebastião, que constará de missa solene, a grande instrumental, às 11 horas e, à tarde, sermão por um distinto orador sagrado, Te-Deum e bênção do SS. Sacramento.

Por motivo ao mau tempo não se realizará a Procissão.

Na sexta-feira, dia do Milagroso Santo e cumprindo um legado do benemérito sr. José António Fernandes Guimarães, após a missa que foi celebrada por alma do mesmo, foi feita a distribuição de algumas centenas de borças de pão aos pobres.

No próximo domingo, realizar-se-á com a costumada imponência no templo paroquial de S. Sebastião (Dominifias), a festividade em honra de S. Sebastião dos Milagres, havendo a missa cantada às 11 horas e, à tarde, sermão por um distinto ora-

dor, Te-Deum e bênção do SS. Sacramento.

Da decoração dos mesmos templos foram encarregados os conceituados armadores desta cidade srs. Eugénio & Novais.

## Orfeão de Guimarães

Na sede deste florescente grupo orfeónico e com numerosa assistência de associados, realizou-se na sexta-feira à noite a sessão de posse dos novos corpos gerentes, que decorreu no meio do maior entusiasmo, tendo proferido entusiásticos discursos o Presidente da Direcção e nosso bom amigo sr. P.º José Carlos Simões de Almeida e outros membros dos corpos directivos.

## Boletim Elegante

### Pedidos de casamento

Pelo nosso prezado amigo sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, conceituado negociante local e sua esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Emilia Cândida de Carvalho Matos Laranjeiro, foi pedida em casamento para seu filho, o também nosso prezado amigo sr. José Laranjeiro dos Reis, a nossa gentil conterrânea sr.<sup>a</sup> D. Adelina Soares Ribeiro, filha do conceituado industrial e nosso amigo sr. Eduardo Torcato Ribeiro e de sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Antónia Soares Ribeiro.

O enlace deve realizar-se no próximo verão.

Aos noivos que são dotados de primorosas qualidades desejamos desde já as maiores felicidades.

Para o nosso amigo sr. Francisco Fonseca, activo empregado comercial, filho do sr. Casimiro da Fonseca Pereira Guimarães e sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Tereza de Jesus Alves Ferreira, foi pedida em casamento a sr.<sup>a</sup> D. Emilia da Costa Rodrigues, gentil filha do nosso prezado amigo sr. Serafim José Pereira Rodrigues, inteligente Escrivão de Direito, desta Comarca e de sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Leocília Costa, devendo realizar-se brevemente o auspicioso enlace.

Aos noivos desde já desejamos muitas felicidades.

### Partidas e chegadas

Partiu há dias para Africa, onde vai exercer a sua actividade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alcindo Ferreira Martins, filho do nosso bom amigo e conceituado comerciante local, sr. Manuel C. Martins.

Desejamos-lhe uma feliz viagem e as maiores prosperidades.

### Aniversários natalícios

Dr. José Pinto Rodrigues — No próximo dia 27 passa o aniversário natalício do nosso querido e talentoso advogado, sr. dr. José Pinto Rodrigues, que nas columnas do nosso jornal e por vezes tem posto à prova as suas insulgares qualidades de inteligência.

O «Notícias de Guimarães», abraça-o, pois, e deseja-lhe as maiores felicidades.

Fizeram e fazem anos: No dia 19, o nosso prezado amigo sr. capitão Duarte Fraga; no dia 20, o também nosso bom amigo sr. Adriano Sampaio Abreu; no dia 27, o importante industrial e nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior e no dia 29, o ilustre comandante dos B. V. de Guimarães e professor do Liceu, o nosso querido amigo sr. José Lutz de Pina.

A todos apresenta o «Notícias de Guimarães», sinceras felicitações.

### Doentes

Tem passado bastante incomodada a sr.<sup>a</sup> D. Custódia Costa, dedicada esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Simão Costa. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

## Câmara Municipal

Sessão do dia 13 — A Câmara deliberou: Pedir isenção de pagamento de sisa para a casa que vai adquirir na rua de Francisco Agra, para alargamento da rua de Santo António; recorrer, extraordinariamente, a fim de obter a anulação da colecta relativa ao ano de 1938, lançada sobre o edificio do antigo Teatro D. Afonso Henriques; autorizar o pagamento de 4.120\$00 do depósito provisório feito em 7 de Março de 1938 pela cooperativa «O problema de habitação» para a expropriação do terreno sito à Rua de Paio Galvão, de D. Rosa Leocádia de Bourbon Sampaio, em virtude da referida expropriação não ter sido superiormente autorizada; intimar o proprietário João de Araújo Marques, do lugar do Outeiro, freguesia de S. Salvador de Briteiros, a fazer a reparação da mina que passa sobre a estrada Municipal da freguesia e que ameaça ruína; intimar José Pereira, do lugar de Requião, da freguesia de S. João de Ponte, a requerer a licença de construção das servidões à margem

# DEFENDA-SE DO FRIO!..

Onde êle ataca mais e se torna mais desagradável é na cama...  
 Combatê-lo antes de êle fazer das suas é o que se impõe sem delongas...  
 Combata-o usando um luxuoso e confortável Edredon da acreditada marca

## “Kapell”

Um Edredon substitue com vantagem 2 ou 3 cobertores.  
 EM STOCK MAIS DE 200 EDREDONS.

---

### ARMAZÉNS DA CAPELA

SUCURSAL D'A POMPADOUR

70, R. das Carmelitas, 76 - PORTO - Telefone n.º 1885

## VENDAS A PRESTAÇÕES SEMANAIS com bónus.

FAZENDAS DE GRAÇA todas as semanas no valor de 25\$00, 60\$00 e 125\$00.

FAZENDAS, MALHAS, MODAS, MEIAS e MIUDEZAS.

# BENJAMIM DE MATOS & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

TOURAL, 105 — TELEFONE, 64

Por motivos de balanço, grandes baixas de preços em todos os artigos.

E A CASA QUE MAIS BARATO VENDE E QUE MELHOR SORTIDO TEM

da estrada de Brito e Leitões; propôr à Junta da freguesia de Vermil, o lançamento de derrama especial, destinada à construção de um edificio para funcionamento de dois postos de ensino, e, tendo também por fim resolver a crise da falta de trabalho.

Sociedade Martins Sarmiento — A Câmara resolveu agradecer as facilidades que, pela direcção da S. M. S. lhe foram dadas, para efeito de expropriação necessária para o prolongamento da rua Serpa Pinto.

Missão Estética de Férias — A Câmara concedeu o subsídio de 2.640\$03 ao Museu Regional Alberto Sampaio para as despesas pelo mesmo feitas com a instalação da 2.ª Missão Estética de Férias.

Avenida dos Combatentes da Grande Guerra — A Câmara tomou conhecimento de ter sido concedida a comparticipação de 23.594\$00 pelo Fundo do Desemprego para a conclusão desta Avenida, resolvendo pedir autorização para se executar a obra por administração directa.

Sessão de 20 de Janeiro — A Câmara deliberou: pedir a criação de um posto escolar feminino no lugar de S. Tomé freguesia de Caldelas, indicando para a regência do mesmo a sr.<sup>a</sup> D. Maria Alice Antunes Alves Machado; encarregar do concerto de uma ramada pertencente a Manuel Domingues Claro, José Martins da Costa; adquirir à Sociedade Construtora de Abrigos e Material de Protecção «Protectus» — duas máscaras anti-gazes sendo uma destinada ao Liceu e outra para o serviço do Cemitério Municipal; encarregar o mestre pedreiro Manuel Dias, da freguesia de S. Faustino de Vizeira, da construção do cano que vai da estrada de S. Cipriano de Taboado para Batócos;

encarregar M. Faria, industrial de serralharia desta Cidade, da obra de serralheiro necessária para as retretes do Largo do Trovador; encarregar Joaquim Fernandes Júnior, desta cidade, da reparação da ponte do Caminho de Ferro de Vizela; intimar D. Ana Ribeiro Loureiro Martins e António Alves Martins, a repararem os muros de suporte que lhes pertencem e desabaram, nos lugares respectivamente, do Assento e Cruzeiro, da freguesia de Azurém.

Por comunicação do sr. Presidente tomou conhecimento que, das averiguações a que se procedeu, relativamente a uma queixa do chefe da Repartição dos Impostos Municipais contra o fiscal Albino Pereira de Freitas, se chegou à conclusão de que não houve má fé, mas apenas um erro de cobrança, devendo aquêie fiscal entrar nos cofres da Câmara com a importância que, indevidamente, deixou de cobrar.

A Câmara resolveu mais: autorizar o pagamento de 6.000\$00 à Direcção da Casa dos Pobres por conta da respectiva verba inscrita no orçamento; autorizar o pagamento de 800\$00, importância que lhe corresponde no custo de vários melhoramentos para o Tribunal Judicial desta Comarca; fazer-se representar na inauguração da Cantina Escolar «Dr. Ferreira Marques» que em S. Martinho de Sande se realiza no dia 22 do corrente.

## Guarda-livros

PRECISA-SE para a Indústria de Tecidos. Nesta redacção se informa.

## Comunicação

Alberto Ferreira da Costa, picheleiro-eléctricista, comunica aos seus Ex.<sup>mos</sup> Clientes que, por virtude de falta de cumprimento do contrato que tinha com a Casa Ferro e não ter sido reembolsado das suas percentagens, deixou de prestar ali os seus serviços e, de futuro, trabalhará independente e por conta própria, podendo as chamadas ser dirigidas para a casa Amadeu C. Penafort & C.<sup>a</sup>, Lt.<sup>a</sup> — Telefone 102 ou para o Café Oriental — Telefone 154.

Desde já agradece muito reconhecido.

## O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

50\$00

É o preço porque a SAPATARIA LUSO vende sapatos de meio salto em camurça e chevreaux para senhora.

Anuncial no «Notícias de Guimarães» e fareis uma boa propaganda

**JOSÉ PINTO RODRIGUES**  
 ADVOGADO  
 (no escritório do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. António do Amaral)

Das 11 às 13 e das 14 às 17 horas.

SAPATOS PARA HOMEM 55\$00 com garantia de fabricação só na

SAPATARIA LUSO Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Silva Bastos, Torrinha, Moreno, Ligorne, Povo, Fonseca e Roquete (2 v.) e Sinónimos de Bandeira.

Resultados do n.º 5-2.ª Série

PRODUTORES: Quadro de distinção

Satan	(11 votos)
-------	------------

Outras votações: — Pescarias, 9 v.; Rotie, 7; Conde e Fidélio, 6 cada; P. de Inkin, 4; Calígula, Oteblo, Paul Muni e Reirobi, 1 cada.

DECIFRADORES: Quadro de Honra (Pontos a decifrar: 15)

Délia, Eusapesca, Morenita, Palmira Ferreira, A. de, Agnus Matatus, Alvarinho, Alvarinto, Arminho, Biscaro, Calígula, Conde, Copofónico, Demo, Diadema, Don Zé Franulhi, Doralvas, Dropê, Erbelo, Fidélio, M. A. P. M., Mora-Rei, Nuninho, Oteblo, Pacatão, Paul Muni, P. de Inkin, Pescarias, Paole, Quico, Reirobi, Rei Texai, Rei Violã, Romeu, Rotie, Sabrigaita, Satan, Siulno, Tinobe, X-8 e X-9.

Quadro do Mérito

Da Lixa, José do Canto, Mata-tudo, Olegna e Quim Mosquito, 19; Rei do Orco, 18.

Sorteio (PRÊMIO REIROBI)

Por ordem, excluindo o ofertante, cabem a cada um dos 46 concorrentes, 2 números. Sorteio nas condições do anterior. Lotaria de 28 do corrente. Atenção "Olegna".

Soluções

1) AQUELE; 2) microcosmo; 3) poema-poema; 4) marraco-marco; 5) maligno-magno; 6) mandado-mando; 7) alfama-ama; 8) contento-canto; 9) Ignara-ira; 10) materno-mano; 11) molura-mora; 12) espírito/a; 13) apelido/a; 14) fado/a; 15) rega-ua-ho-reganho; 16) fada-dado-falado; 17) esta; 18) correcto; 19) porreta; 20) arastado.

RECTIFICAÇÃO: — A sincopa da n.º 8 do n.º passado está mal. E: Está sempre pávido o homem que "briga".

Desculpem-nos todos os que já se cançaram a procurá-la.

2.ª Série Charadismo N.º 8

Charadas em verso Senhor "Don Zé Franulhi, 1) Não está má sua cantiga, Mas uma coisa o perdeu. Chamar "rapaz", "rapariga", E' modo muito plebeu. Dizer "senhora", "o senhor", Era uma coisa mais fina. Para futuro é favor Chamar-me o que sou: "menina". Já sabe pois o meu sexo. — 1 — Que lhe interessa o meu valor? Meu nome é mui complexo, Dizê-lo..., perde o sabor! — 1

BATA

Botas altas e galochas de borracha da Techecoslováquia, confirmada pelos Ex.ªª Clientes a melhor marca do mundo. Chegou nova remessa à

SAPATARIA LUSO

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

Alguns antigos e históricos solares

São os principais e mais dignos de nota, os seguintes: Das «Hortas», das «Lameiras», dos marçueiros de Lindoso, dos «Coutos», das «Lamelas», do «Guarda», dos «condes da Arrochela», dos «condes de Azenha», do fidalgo do «Toural», dos «Lobos Machados». Aquela casa das Lameiras foi propriedade de D. Ana dos Guimarães Golias que em 16 de Maio de 1856 restituiu o «S. Louspene» na igreja dos Terceiros de S. Domingos. O de «Vila Flor» era admirável em suas arquiteturas de habitação e na grandeza e fábrica da vastidão do jardim, que era primoroso e no

JOGOS FLORAIS DA PRIMAVERA DE 1939 (ANO IV) PROMOVIDO PELA EMISSORA NACIONAL

Os Jogos Florais terão lugar nos dias 23, 24 e 25 de Março de 1939 e obedecerão às seguintes regras:

1.º) — Aos Jogos Florais poderão concorrer poetas, prosadores e compositores musicais portugueses, com produções inéditas; 2.º) — A entrega dos trabalhos provenientes da Metrópole tem de efectuar-se até 15 de Fevereiro p. f., e a dos restantes concorrentes até 1 de Março, com o seguinte enleçamento: Ao Ex.ªª Juri dos Jogos Florais Emissora Nacional R. do Quelhas — 2 LISBOA.

3.º) — Os originais serão subscritos com uma divisa ou pseudónimo. 4.º) — A divisa será aposta, também, na parte exterior de outro subscrito, devidamente lacrado, dentro do qual se encontrará o verdadeiro nome do autor; 5.º) — Só serão abertos os subscritos lacrados correspondentes aos trabalhos que obtiverem classificação e, esses mesmos, em presença do público, durante os torneios que terão lugar nos dias 23 e 24; 6.º) — O Juri não atenderá os pedidos para a conservação do anonimato dos premiados com menção honrosa; 7.º) — Os Jogos Florais realizar-se-ão em lugar público, que oportunamente será anunciado, a partir das 21,30 horas dos dias atrás mencionados, e o seu encerramento efectuar-se-á com a distribuição dos prémios, que será feita com a maior solenidade; 8.º) — Os concorrentes classificados, depois de revelada a sua identidade, farão a leitura das suas produções perante o público; 9.º) — Poder-se-á concorrer em verso com o seguinte:

a) Poesia nacionalista. (Entende-se por poesia nacionalista aquela em que sejam focos os vários aspectos da nacionalidade. Este ano, porém, só serão admitidas a concurso as que tenham como motivo a fundação de Portugal); b) Soneto; c) Poesia lírica; d) Quadro popular; e) Poesia infantil; f) Poesia filosófica; g) Poesia obrigada a mote. (O mote será fornecido aos concorrentes no dia da abertura dos Jogos Florais, no decorrer do serão, e a poesia a compôr não poderá ter mais de dezesseis versos de sete sílabas); 10) — Poder-se-á concorrer em prosa com o seguinte:

a) Narrativa histórica; b) Poesia lírica; c) Cuento; d) Teatro radiofónico. 11.º) — Poder-se-á concorrer em música com o seguinte: a) Canção, para canto e orquestra; b) Canção, para canto e piano, 12.º) — Para a classificação das obras musicais é constituído um Juri especial: a) Para concorrer à Canção para canto e orquestra, é necessário musicar a poesia obrigada a mote, que obteve o primeiro prémio nos Jogos Florais de 1938 e enviar-nos, juntamente com a respectiva partitura de orquestra, uma redução para piano e orquestra; b) Para concorrer à canção para canto e piano, é necessário musicar, constituindo uma só peça, as três quadras seguintes, premiadas nos Jogos Florais de 1938 respectivamente com o "Cravo de Prata", e menções honrosas: — Com tanto amor te puzeste a trabalhar ao serão que, no lenço que fizeste, bordaste o meu coração.

13.º) — Não serão admitidos originais em verso cuja extensão não exceda três páginas dactilografadas, entrelinhadas a dois espaços, em papel normal de máquina de escrever; 14.º) — Só serão admitidos originais em prosa cuja extensão não exceda seis páginas dactilografadas, nas mesmas restantes condições exigidas para os originais em verso; a) As palestras radiofónicas não poderão exceder quatro páginas dactilografadas. 15.º) — Só serão admitidas peças musicais cuja execução não exceda dez minutos; 16.º) — Os prémios são os seguintes: a) Amarantho de ouro — para a melhor poesia nacionalista. (O detentor do "Amaranto de Ouro", será proclamado príncipe dos Poetas dos Jogos Florais da Primavera de 1939); b) Perpétua de ouro — para a melhor narrativa histórica; c) Cravo de ouro — para a melhor canção para canto e orquestra; d) Rosa de ouro — para a melhor canção; e) Jasmim de ouro — para a melhor poesia filosófica; f) Pupa de ouro — para a melhor canção para canto e piano; g) Rosmaninho de ouro — para a melhor produção de teatro radiofónico; h) Malmuego de ouro — para a melhor poesia obrigada a mote; i) Cravo de prata — para a melhor quadra popular; j) Rosa de prata — para a melhor poesia infantil; k) Violeta de prata — para a melhor poesia lírica; l) Perpétua de prata — para a melhor palestra radiofónica; 17.º) — Além dos prémios descritos, haverá o máximo de três menções honrosas para cada um dos géneros em verso, prosa e composições musicais, excepto para a quadra popular, a que poderão ser conferidas quinze menções honrosas; 18.º) — A narrativa histórica e o conto classificados com flores de ouro serão publicados no semanário "Rádio Nacional", em data que oportunamente será anunciada; 19.º) — A obra de teatro radiofónico classificada com flor de ouro, será emitida pela Emissora Nacional, em data que oportunamente se anunciará; 20.º) — A palestra radiofónica classificada com flor de prata será emitida pela Emissora Nacional, em data que oportunamente se anunciará; 21.º) — O programa dos Jogos Florais é o seguinte: Dia 23 = Leitura das poesias líricas, das poesias infantis; das poesias filosóficas e dos sonetos, e execução por uma das orquestras da Emissora Nacional das canções para canto e piano, premiadas com flores de ouro ou de prata e menções honrosas.

a) Nêste dia será lido a assistência, no princípio, a meio e no fim do certame, o mote a que deverá subordinar-se a poesia referida na alínea l) do Artigo 16 do presente Regulamento. Dia 24 = Leitura das quadras populares, das poesias obrigadas a mote e da poesia nacionalista; a) Antes de lida a poesia nacionalista, serão executadas por uma das orquestras da Emissora Nacional as canções para canto e orquestra, classificadas com o "cravo de ouro", e menções honrosas. Dia 25 = Encerramento solene dos Jogos Florais e distribuição dos prémios, precedida da leitura dos trabalhos em verso, classificados com flores de ouro e de prata, pelo leitor oficial. 22.º) — As poesias obrigadas a mote terão de ser entregues na Secretaria Geral da Emissora Nacional, até às 12 horas do dia 25; a) Os concorrentes da provincia poderão fazê-lo servindo-se do telegrapho, e os das localidades onde não exista telegrapho, pelo telefone. 23.º) — As cerimónias a realizar-se-ão radiofónicas pela Emissora Nacional, em onda média e onda curta; 24.º) — Além do Juri constituir-se-

bém o dever de declarar que, antecedentemente ao início da publicação no «Notícias de Guimarães» já havia enviado o primeiro artigo para o jornal de outra cidade. Mal imaginávamos nós que esse simples artigo que certo dia escreveramos, sobre Guimarães, para um diário do Porto e que não foi publicado por falta de espaço, daria mais tarde origem a estes modestos apontamentos que têm saído à luz da publicidade porque — inútil é insistir — em Portugal é reduziíssimo o número dos que se interessam e tratam de investigações históricas acerca do nosso Passado. Alguns dos que as coleccionam para entregar à imprensa são obrigados, quasi sempre, a desistir dos seus fins patrióticos, devido à relutância da coadjunção com que lutam para os verem realizados, pois «vellnarians» ninguém quer ler. Romanços e pornografia, isto sim, têm leitores aos centos, aos cardumes, se assim nos podemos expressar numa terra que ainda conta 80% de analfabetos. Por isso é que, infelizmente, a

Últimas palavras

Eis-nos chegado ao termo da primeira parte do nosso trabalho. (1) O acolhimento e certa dedicação com que foram recebidos pelos vimaraneses, em especial e pelos leitores em geral, os meus primeiros artigos para o «Notícias de Guimarães» sobre a mesma cidade, que intitulei «Exumações do Passado», serviram-me de incentivo para prosseguir na árdua tarefa a que, gostosamente, me entreguei sobre o assunto, guiado unicamente pelo muito leal e sincero desejo de, alguma forma, enaltecer, como era de justiça, a terra que desde os bancos escolares, comeci a amar como minha Pátria, cujo facto me apraz acenar. Antes de continuar cumpre-me tam-

— Vento, não leves as penas que cobrem as avezinhas; se tens precisão de algumas antes me arranques as minhas. — Rosmaninho, rosmãozinho, porque tens tão triste cor? Porque tapei o caminho do Calvário do Senhor. c) Os concorrentes à canção para canto e orquestra deverão requisitar a poesia a musicar na Secretaria Geral da Emissora Nacional. 13) — Só serão admitidos originais em verso cuja extensão não exceda três páginas dactilografadas, entrelinhadas a dois espaços, em papel normal de máquina de escrever; 14) — Só serão admitidos originais em prosa cuja extensão não exceda seis páginas dactilografadas, nas mesmas restantes condições exigidas para os originais em verso; a) As palestras radiofónicas não poderão exceder quatro páginas dactilografadas. 15) — Só serão admitidas peças musicais cuja execução não exceda dez minutos; 16) — Os prémios são os seguintes: a) Amarantho de ouro — para a melhor poesia nacionalista. (O detentor do "Amaranto de Ouro", será proclamado príncipe dos Poetas dos Jogos Florais da Primavera de 1939); b) Perpétua de ouro — para a melhor narrativa histórica; c) Cravo de ouro — para a melhor canção para canto e orquestra; d) Rosa de ouro — para a melhor canção; e) Jasmim de ouro — para a melhor poesia filosófica; f) Pupa de ouro — para a melhor canção para canto e piano; g) Rosmaninho de ouro — para a melhor produção de teatro radiofónico; h) Malmuego de ouro — para a melhor poesia obrigada a mote; i) Cravo de prata — para a melhor quadra popular; j) Rosa de prata — para a melhor poesia infantil; k) Violeta de prata — para a melhor poesia lírica; l) Perpétua de prata — para a melhor palestra radiofónica; 17.º) — Além dos prémios descritos, haverá o máximo de três menções honrosas para cada um dos géneros em verso, prosa e composições musicais, excepto para a quadra popular, a que poderão ser conferidas quinze menções honrosas; 18.º) — A narrativa histórica e o conto classificados com flores de ouro serão publicados no semanário "Rádio Nacional", em data que oportunamente será anunciada; 19.º) — A obra de teatro radiofónico classificada com flor de ouro, será emitida pela Emissora Nacional, em data que oportunamente se anunciará; 20.º) — A palestra radiofónica classificada com flor de prata será emitida pela Emissora Nacional, em data que oportunamente se anunciará; 21.º) — O programa dos Jogos Florais é o seguinte: Dia 23 = Leitura das poesias líricas, das poesias infantis; das poesias filosóficas e dos sonetos, e execução por uma das orquestras da Emissora Nacional das canções para canto e piano, premiadas com flores de ouro ou de prata e menções honrosas. Dia 24 = Leitura das quadras populares, das poesias obrigadas a mote e da poesia nacionalista; a) Antes de lida a poesia nacionalista, serão executadas por uma das orquestras da Emissora Nacional as canções para canto e orquestra, classificadas com o "cravo de ouro", e menções honrosas. Dia 25 = Encerramento solene dos Jogos Florais e distribuição dos prémios, precedida da leitura dos trabalhos em verso, classificados com flores de ouro e de prata, pelo leitor oficial. 22.º) — As poesias obrigadas a mote terão de ser entregues na Secretaria Geral da Emissora Nacional, até às 12 horas do dia 25; a) Os concorrentes da provincia poderão fazê-lo servindo-se do telegrapho, e os das localidades onde não exista telegrapho, pelo telefone. 23.º) — As cerimónias a realizar-se-ão radiofónicas pela Emissora Nacional, em onda média e onda curta; 24.º) — Além do Juri constituir-se-

do concelho

Sande (S. Clemente), 16

O imposto de trabalho nos melhoramentos rurais

Há através do nosso vasto concelho, aldeias bem favorecidas do Estado Novo, como as há também, infelizmente, bem desprezadas da sorte, embora bem dignas disso... Entretanto, poderemos interrogar: será a culpa dos nossos Governantes, das nossas Cãmara, dos nossos vereadores atormentados do destino dos subditos? Examinemos, para isso, o procedimento dos interessados e o dos que se interessam: o dos interessados, isto é, dos favorecidos dos urgentes melhoramentos rurais, e o dos que se interessam, ou sejam, dos nossos Governantes, Cãmara Concelhia, ou então dos nossos Vereadores. Veremos com justa e salutar razão, que a culpa é mais dos inferiores que dos superiores, é mais dos beneficiados do que daqueles que por êles se interessam. O Estado, órgão auxiliar das famílias agrupadas, quando bem orientado e são, está e deve estar sempre pronto a atender às suas necessidades, pois êste é o seu natural objectivo. Disse um dia um grande protótipo e mestre, que é do campo que colhem o melhor e nêle é que se perde muito de valor. E' dêle que vem o almejado sustento, e nêle é que passamos os melhores dias. Verdade das verdades!... É necessário, sem dúvida, nos tempos que atravessamos, proceder-se à urbanização das aldeias. «E' necessário consequentemente que elas possam boas estradas, bons caminhos, telefone, electricidade, casas de beneficência, etc. etc.»

Todavia o Estado, a braços com todos os outros, com a crise avassaladora que grassa, não pode, só por si, custear tôdas as despesas que êstes melhoramentos arrastam. Que o Estado ou por êle a Cãmara, dêem congruentes subsídios — é justo e é dever; mas que os próprios beneficiados se queiram isentar de prestar os seus auxílios, quer financeira quer corporalmente, é inadmissível, é uma cobardia! Há, todavia, para tristeza nossa, casos bem concludentes de que, quasi sempre, a culpa de se não fazerem certos e urgentes melhoramentos parte sempre dos beneficiados. Assim, pois, desejem bons caminhos, mas não cedam o palmo dos seus terrenos, ou, se isto permitem, queiram sacrificar o interesse geral, o bem comum, ao particular — o que é injusto e contra tôdas as normas do direito. Querem boas e amplas estradas, fontanários, telefone, electricidade,

— há uma Comissão Executiva dos Jogos Florais; 25.º) — Não podem concorrer aos Jogos Florais: a) Os membros da Comissão Executiva; b) Os membros do Juri; c) Os funcionários da Emissora Nacional. Pela Comissão Executiva dos Jogos Florais Silva Tavares.

Poesia a musicar pelos concorrentes à Rúbrica "Canção — Canto e Orquestra"

M O T E No dia em que te encontrei Para sempre te perdi. G L O S A Crê: — Não eston arrependido. Sei que é fácil blasonar, mas sobre tenho vivido e não te quiz enganar. Podia ter-te mentido, podia dissimular, podia ter prometido o que não podia dar... Mas foi sincero... Fiquei tão fruiçoneiro de ti que só disse o que pensei. E, porque não te menti, "no dia em que te encontrei, para sempre te perdi.

nossa História-pátria, tanto a geral como a particular ou regional, está ignorada. E neste nosso querido Portugal, há tantas localidades que a têm tão linda, tão valorosa e tão cheia de encantos!... Guimarães é indubitavelmente uma delas. Mimoso canção da aprasivel provincia do Minho, é uma terra que se tornou ilustre e notável pela sua bravura e lealdade, nas conquistas da espada e da Cruz em remotos tempos. E' verdade que muitas das suas curiosas notícias há escritas. Mas tão dispersas estão em inúmeras publicações que não é fácil concatená-las. Dêse facto nos adveio o desejo de publicar os presentes rabiscos sobre alguns assuntos inéditos e outros embora conhecidos, mas alguns tanto mais desenvolvidos, sob uma forma mais consentânea ao fôto que tivemos em vista, que é a sua mais fácil consulta. Não nos movem descabidas pretensões literárias porque a nossa mal aparatada pena não dá para trabalhos de grande vulto. Portanto o que tendes lido não é

própriamente um livro, é um «carnet» de ligeiros apontamentos, colegidos e ordenados segundo o que se nos depa-rou, nas nossas investigações, em documentos muitos dêles inéditos e até quasi impercebíveis pelo labor insano da traça, que na sua ávida voracidade os não poupou, mas «labor omnia vincit»... Alguma coisa de utilidade conseguimos exumar da poeira dos Arquivos numa viva recordação de muitas das gloriosas páginas em que a História Geral está intimamente ligada com a privativa desta cidade. Por estes apontamentos vistes, portanto, que Guimarães não é uma terra banal ou de pequena importância. Tem a valorização que o decorrer dos séculos lhe imprimiu, à custa da persistência e amor pátrio dos seus habitantes e filhos queridos.

Continua.

P.ª Alberto Gonçalves.

(1) Depois iniciaremos a publicação da Galeria Ilustrada dos vimaraneses mais notáveis (mortos e vivos).

casas de beneficência, etc. etc., mas ninguém lhes fale em sacrifícios pessoais: carricões, fornecimentos de pedra, madeiras e outros materiais ou dinheiro que de tudo é a mola real! Foi por isso que, para prover às necessidades tão urgentes das nossas aldeias, os nossos legítimos Superiores decretaram o Imposto de Trabalho sobre os chefes de Família. Assim, junto êste referido imposto ao subsídio das nossas Cãmara e à boa vontade dos beneficiados, e dos que por êles se interessam, poder-se-á fazer das nossas aldeias, por vezes um tanto desprezadas, centros de alegria, focos de gozo e bem-estar! São urgentes, de facto, nas nossas aldeias, muitos melhoramentos, visto ser nelas que se colhe o melhor e o mais útil; mas também é urgente que os seus habitantes sejam solidários e bem unidos, defensores do bem comum e da utilidade pública, auxiliando-se mutuamente e cumprindo com exactidão tudo o que para isso fôr legitimamente imposto. Assim, unidos pela boa vontade junta ao sacrifício, conseguirão tudo que tentarem. Lembremo-nos sempre de que a nossa boa consciência, o bem particular cede ao bem comum. Para se gozarem, tanto quanto possível, os melhoramentos rurais é necessário o sacrifício individual e social. Mas, em que consiste êste referido sacrifício? Restum-se, caros leitores, no auxílio pecuniário, corporal ou material obrigatória e legitimamente exigido. Poderá o Estado, por intermédio das nossas Cãmara, impor êste sacrifício, êste auxílio tão urgente como necessário, presentimento o imposto de Trabalho? Está mais que provado que sim e até escusado será prová-lo; no entanto prometemos continuar. — C. Peviédm, 18.

Falecimento — Após prolongados sofrimentos, finou-se no passado dia 14, o sr. João de Faria, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira de Faria, filho do sr. Lourenço de Faria e de sua esposa a sr.ª D. Maria de Faria Salgado, irmão do sr. Manuel de Faria e primo do nosso amigo sr. Manuel de Castro. O seu funeral que esteve bastante concorrido realizou-se na segunda-feira, às 9 horas, na paróquia de S. Jorge de Selho. A família dorida apresentamos as nossas condolências. O temporal — O temporal dêstes últimos dias causou nesta povoação bastantes prejuizos, tendo-se alagado alguns muros e danificado bastante os caminhos. A ponte de pau — Prevenimos a Ex.ªª Junta para a denominada Ponte de Pau, que está em risco de ser levada com o temporal. Antes que surjam alguns desastres era bom que fosse reparada. — C. Urgezze, 20.

Ao contrário do que prognosticamos relativamente à importância da feira de Santo Amaro êste ano, ela foi, aos olhos de quem a viu, um pávido reflexo daquilo que devia ser se o tempo o permitisse, mas que talvez não se apresentasse. E já agora, precavendo-nos de errar em novo prenúncio, e portanto para melhor acertarmos, nada diremos com referência ao próximo domingo, dia em que se realizará a grande e tradicional romaria do referido Santo. Será o que Deus quiser. De passagem para o Porto, honrou-nos ontem com os seus cumprimentos, o nosso respeitável amigo sr. João Paulo Mexias. Estes últimos dias, com poucas e imperfeitas excepções, tem feito um rigoroso e diabólico inverno: árvores, muros, casas, certos trabalhos e negócios, têm sido por aqui bastante prejudicados pelos seus efeitos. O processo de «Fazer Chover» descoberto por êsse engenheiro argentino cá não teria resultado proveitoso... pelo menos enquanto fizer um tempo assim. Mas se porventura êle por aí apparecesse com a sua engenhoca? Em vez de protestos, como lhe fez o povo de Buenos Aires a quando das suas felizes experiências, nós impôr-lhe-famos sem prejuizo: Sól, Sól... mas moderado... Pelo sr. António Simões, foynos oferecido um lindo calendário da Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, de que é muito digno sócio. Alex.

propramente um livro, é um «carnet» de ligeiros apontamentos, colegidos e ordenados segundo o que se nos depa-rou, nas nossas investigações, em documentos muitos dêles inéditos e até quasi impercebíveis pelo labor insano da traça, que na sua ávida voracidade os não poupou, mas «labor omnia vincit»... Alguma coisa de utilidade conseguimos exumar da poeira dos Arquivos numa viva recordação de muitas das gloriosas páginas em que a História Geral está intimamente ligada com a privativa desta cidade. Por estes apontamentos vistes, portanto, que Guimarães não é uma terra banal ou de pequena importância. Tem a valorização que o decorrer dos séculos lhe imprimiu, à custa da persistência e amor pátrio dos seus habitantes e filhos queridos.

Continua.

P.ª Alberto Gonçalves.

(1) Depois iniciaremos a publicação da Galeria Ilustrada dos vimaraneses mais notáveis (mortos e vivos).